

Corporeidades e Paisagem: a cosmologia da terra no Quilombo dos Alpes/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires

Daiane da Silva Ellias

Karina Rejane da Silva Ellias

Lara Machado Bitencourt

Marília Guimarães Rathmann

Mateus dos Santos Viegas

Matheus Eilers Penha

Rosângela da Silva Ellias

Winnie Ludmila Mathias Dobal

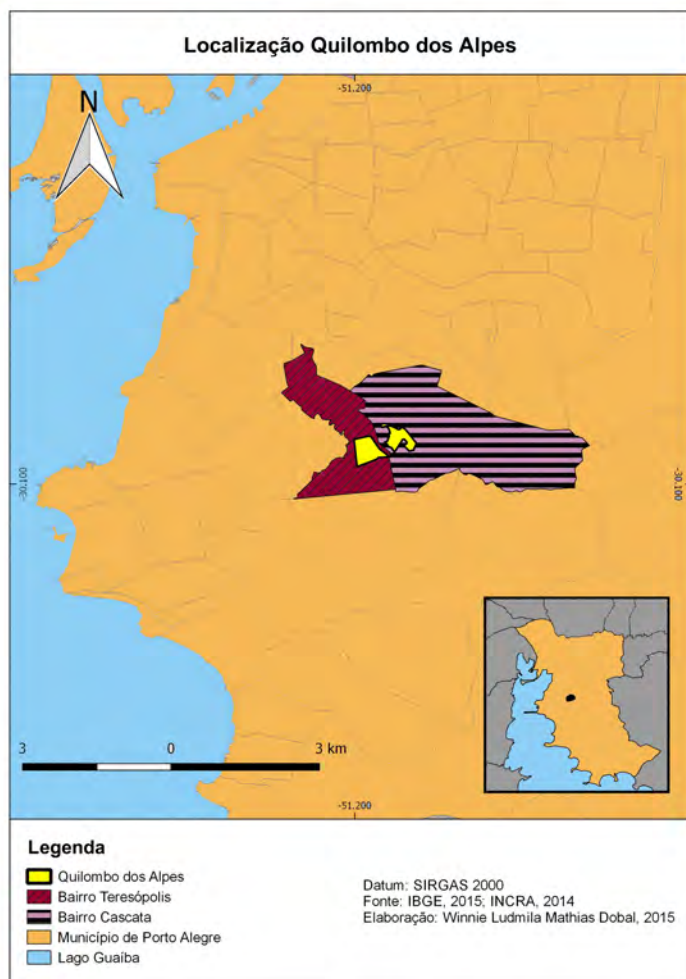
Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobal

1. Os corpos apresentam-se

*V*ou fazê cento e quatro [...] agora. Porque quando eu vim pra cá, aqui não tinha igreja, não tinha casa, não tinha nada, era tudo mato, prá mim entra pra cá prá dentro desse mato eu tinha que abrindo assim, senão moiava a gente tudo, né! Ficava toda moiada do mato, não podia. E tinha só aquelas estradinha assim, curtinha como isso aqui, prá gente entrá nas casinha. Lá pra minha casinha onde eu morava, eu morava lá em cima. A igreja dos padre não tinha. (PMPA, Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Relato obtido em 20/01/1993).

Esse trecho corresponde a uma parte da entrevista concedida por Edwirges Francisca Garcia da Silva para a coletânea *Memória dos Bairros de Porto Alegre*. Sendo ela uma das moradoras mais antigas do morro dos Alpes e seu entorno, sua fala é guiada pela sua trajetória de vida, pela sua relação com o espaço e por como, a partir dela, foi-se constituindo um processo de ocupação e pertencimento territorial. Na busca pela autonomia, pela sobrevivência, pela permanência para garantir sua existência, Edwirges e seus descendentes resistiram no espaço e dele constroem a base para suas vidas. É nessa relação significada entre espaço e corporeidade que o Quilombo dos Alpes torna-se uma referência de identidade, de reconhecimento político-social e cultural, estabelecendo um modo de existência que luta contra uma cidade que se constituiu pelo racismo socioespacial. Existência pressupõe visibilidade e, para que esta realização concretize-se, negros e negras de nossa cidade não podem estar marginalizados espacial, social e culturalmente. A Figura 1 localiza espacialmente o Quilombo dos Alpes no município de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul.

Figura 1 - Localização do Quilombo dos Alpes no município de Porto Alegre.



Fonte: Dobal (2015).

O Quilombo dos Alpes constitui um espaço integrado às relações entre sociedade e natureza, materializadas e subjetivadas por ações que reconstituem os saberes e a diversidade de apropriações espaciais. A tradição oral e suas manifestações culturais estão presentes no cotidiano dos sujeitos, na organização comunitária e

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

nas relações espaciais. Atualmente, possui uma área de aproximadamente 58 hectares (MDA, 2016), sendo o maior quilombo urbano de Porto Alegre. O quilombo está localizado entre dois bairros: Cascata e Teresópolis.

Do tempo de Dona Edwirges até o presente, é na figura da mulher que está centralizada a luta pela terra e pelo pertencimento ao lugar, sendo esse protagonismo transmitido de geração a geração, como observamos no relato a seguir:

[...] Não é que a gente queira ter coisas específicas demais, às vezes já ouvi o pessoal dizer ‘ah, tu tá muito alienada, querendo tudo de individual’. Não é isso, mas é que a partir do momento que a comunidade se reconhece como quilombola, e o governo dá esse autorreconhecimento a ela, as pessoas que estão lá nos órgãos, eles também teriam que ter um entendimento maior do que que eles tão lidando, né. Não é uma coisa como outra qualquer, tem algumas especificidades, que é aquela coisa que eu falei pra vocês, são coisas que não vão ser visíveis, tu não vai ver, tu não vai enxergar, tu vai sentir. Tu vai ter que ter a sensibilidade de olhar e rever teus conceitos e dizer ‘bah, mas por quê?’ Eu te pergunto por que, mas tem um porquê disso, tem resposta, mas não é uma coisa que vem pronta. (Arquivo do NEGA, entrevista concedida por Karina Rejane da Silva Ellias à equipe do NEGA em 28/07/2015.)

O relato de Karina, neta de Edwirges, indica a necessidade de olhar para a invisibilidade que as diversidades culturais afro-brasileiras e quilombolas possuem ao longo do processo de formação do Estado Nacional. Essa invisibilidade vai dificultando a construção de uma identidade quilombola, uma vez que nossa sociedade, pautada num sistema racista, vai promovendo sua exclusão corpo-a-corpo. Entretanto, sua presença vai afirmando-se no espaço por meio de relações sociais e culturais estabelecidas por lutas e conquistas pela terra. Para garantir sua sobrevivência, torna-se resiliente, regressa às suas raízes para tornar-se forte e enfrentar a supremacia de uma cultura opressora e hegemônica.

Dentre as ações corpo a corpo, podemos indicar as trilhas presentes no tempo-espaço no Quilombo dos Alpes. Impregnadas do viver e das estratégias de se opor às opressões sofridas, a

corporeidade dos quilombolas marca o espaço pelo caminhar. A comunidade compreende uma necessidade importante de permanência em seu espaço – mapear as trilhas que constituíram suas vivências.

Para construir este projeto, Clarice Moraes Freitas (Instituto de Pesquisa e Assessoramento em Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnia - AKANNI) propõe uma interlocução entre o Quilombo dos Alpes e o NEGA. Este contato realiza-se pela construção de mapas-narrativas do bairro Restinga/Porto Alegre (PIRES, C. et al., 2015). Os mapas-narrativas trataram da construção de um conto geográfico, que valorizou as histórias de vida, e sua relação com as transformações do espaço. É neste momento que conhecemos Rosângela da Silva Ellias, conhecida como Janja, Presidente da Associação Quilombo dos Alpes Dna. Edwirges. Ao conhecer o trabalho desenvolvido por nosso laboratório, ela nos propôs a realização de um projeto similar no Quilombo dos Alpes. Inicialmente, este trabalho se constituiu dentro da disciplina de *Organização e Gestão Territorial* (segundo semestre de 2013) do Departamento de Geografia/UFRGS e, na sua continuidade, estabeleceu-se uma parceria de trabalhos entre o Quilombo dos Alpes e o Núcleo de Estudos em Geografia e Ambiente (NEGA).

Essa forma de aproximação tem conexão com nossa perspectiva metodológica, que é uma resposta com relação a uma prática de extensão e pesquisa vinculadas, em que sujeito e objeto confundem-se. Na realidade, nós pesquisadores somos objetos, na medida em que os próprios sujeitos quilombolas valem-se de nós para expressar suas lembranças, suas narrativas e seus marcadores. Ao mesmo tempo, também somos corpos e sujeitos integrados nesse processo, porque as narrativas juntam-se às nossas lembranças e às perspectivas em que acreditamos, que são principalmente: dar visibilidade aos acontecimentos vividos pela matriarca e por todos seus descendentes devido à invisibilidade da negritude na cultura e no espaço, ficando isso bastante evidente em todo nosso processo de trabalho coletivo.

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

2. A paisagem nos desvela

O valor estético da paisagem tornou-se paradigma e referência nos trabalhos de Geografia, de Artes e de planejamentos urbanos. Assim, elementos visíveis que pertencem à natureza integram as atividades socioculturais, dando-lhes forma, estrutura e funcionalidade que, muitas vezes, são analisadas de maneira compartimentada. Quando se qualifica qualquer espaço segundo seus padrões estéticos, estamos recortando a Terra, e esses recortes passam a ser tratados em contradição, pois natureza e sociedade não são fragmentos de um todo, mas, sim, o próprio todo que possui certas singularidades.

Pensando em discutir sobre essas dimensões, dialogamos com Dardel (2011), para o qual Geografia não é, de início, um conhecimento, uma realidade geográfica concebida como ‘objeto’ e que compreende o espaço geográfico como um espaço em branco a ser preenchido e/ou colorido. A ciência geográfica deve pressupor que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem [*e a mulher*] (grifo nosso) se reconheçam ligados à Terra como seres que se realizam em sua condição terrestre.

Os recortes, aprisionados pelo olhar, modelam a Terra, integrando um grupo de fenômenos, e assim denominam a paisagem e reivindicam sua própria autonomia. Para Dardel (2011) toda a geografia está na análise da paisagem. É a geografia compreendida como o que está em torno do homem, como ambiente terrestre, como muito mais do que uma justaposição de detalhes pitorescos. É uma convergência, um momento vivido, uma “impressão” que une todos os elementos.

Os estudos sobre quilombos, especialmente urbanos, surgem como um grande desafio para a Geografia, pois o fluxo sociocultural da cidade torna-se uma rede complexa para os diferentes saberes que se apropriam deste espaço. Para Silva (2001), há dois tipos de espaços urbanos a serem reconhecidos: *o oficial*,

projetado pelas instituições e feito antes que o cidadão o conceba, e o *diferencial*, que consiste em marcas espaciais usadas e inventadas na medida em que o cidadão nomeia ou inscreve o espaço.

No Quilombo dos Alpes (Figura 2), podemos observar o diferencial inscrito no espaço e na paisagem por meio de marcas concretas e simbólicas, tornando possível reconhecer seus limites e conteúdos. Essas marcas estão presentes em cada morador e moradora quilombola e (re)produzem os significados dos sujeitos e as ações que compõem o espaço. Dessa forma, cada paisagem será concebida conforme sua interpretação. Surge então a necessidade de compreender e reconhecer-se na paisagem pelo processo de interpretação do quilombo no espaço urbano, revendo as bases epistemológicas que sustentam nossas visões de mundo. Aliás, na esfera do conhecimento, no campo epistemológico, é imprescindível nossa crítica pela necessidade de rompimento com o discurso colonial. Para Fanon (2008), o povo colonizado, o qual nasce de um complexo de inferioridade, enterra sua originalidade cultural local a partir de uma linguagem civilizadora, isto é, a cultura metropolitana. Ele será tanto mais branco quanto mais rejeitar sua negrura.

Figura 2 -Vista da Sede da Associação do Quilombo dos Alpes, Octógono Djanira. Ao fundo, observa-se o centro da Cidade de Porto Alegre e o Lago Guaíba.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

Numa discussão sobre paisagem e sobre como ela se manifesta, nossa preocupação está articulada à compreensão, não somente de um sistema de significados e valores subjetivos, mas também da maneira como as relações sociais de um grupo são estruturadas e constituídas, assim como suas formas são produzidas, experienciadas, entendidas e interpretadas. Conforme Dardel (2011):

A paisagem não é um círculo fechado, mas um desdobramento. Ela não é verdadeiramente geográfica a não ser pelo fundo, real ou imaginário, que o espaço abre além do olhar. [...] A paisagem é um escape para toda a Terra, uma janela sobre as possibilidades ilimitadas: um horizonte. Não uma linha fixa, mas um movimento, um impulso. (DARDEL, 2011, p. 30)

Percebe-se uma totalidade complexa no Quilombo dos Alpes, que reúne diferentes paisagens, nas quais natureza e sociedade sobrepõem-se. Num primeiro momento, as paisagens apresentam-se pela forma, possuindo espaços com predominâncias – elementos ora naturais, ora sociais, ora culturais, caracterizados por uma dimensão estética que se materializa pela apropriação territorial. Num segundo momento, à medida que nos aprofundamos nas marcas territoriais do quilombo por diferentes percepções, identificamos a multidimensionalidade do "vivido" territorial pelos membros de uma coletividade quilombola, ao mesmo tempo em que o processo territorial se constrói por intermédio de um sistema de relações produtivas, mas acima de tudo existenciais, trazendo à tona uma corporeidade marcada pelo vivido. Paisagem, como tempo e espaço, é também memória, herança. A Figura 3 revela as técnicas construtivas utilizadas por Janja na construção de sua casa. São técnicas autoconstrutivas e estão associadas à ancestralidade e aos saberes vernaculares presentes na cosmologia da Terra.

Figura 3: Técnicas construtivas utilizadas por Janja na construção de sua casa.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

A relação e o sentimento de pertencimento territorial indicam representações coletivas do espaço, dando sentido ao lugar e explicando os vínculos territoriais. Essa relação processa-se em tensões identitárias entre subjetividades individuais e coletivas e/ou contextuais e universais, principalmente entre ser e não ser quilombola. Nessas condições, é preocupante ter uma visão idealista sobre uma paisagem de quilombo, pois ela não representa unicamente um conjunto de percepções limitadas às análises de espaço “vivido” e “percebido”. Muitos estudos ainda negligenciam a existência “objetiva” da paisagem e as relações de corporeidade – e quando nos referimos à “existência objetiva” estamos tratando daquilo que está abarcado pelo campo da visão.

Nesse sentido, procura-se refletir sobre essa apropriação da paisagem, bem como contribuir para o seu entendimento a partir de sua importante materialização de ações, atitudes e valores culturais constantes que ficam registrados no tempo como herança. Essas

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Doba

heranças foram transmitidas aos descendentes de Dona Edwirges, e suas ações, trajetória de vida, memórias ganham corporeidade pela paisagem que é configurada, constantemente, por novas formas e significados na comunidade.

Acreditamos que a análise da produção do espaço significa, também, uma análise da (des)construção do espaço produzido, valendo dizer, então, que a paisagem consiste numa geografia do movimento, traduzida e interpretada segundo suas formas, funções, estruturas e subjetividades que, ao se combinarem, (re)produzem o espaço. Podemos dizer que este espaço carrega um sentido de território porque tem seus limites, suas conquistas, lutas e resistências. A paisagem é a vida que o anima, preenchida por um cotidiano que supõe um passado como herança e um futuro como projeto. Nosso presente é uma estreita nesga entre o passado e o futuro. Santos (1996) complementa esta ideia de uma existência do passado, que nos pertence e da qual não podemos nos libertar porque já se deu, e de um futuro que nos possibilita esperanças. Somos fruto de uma relação que oscila entre a necessidade e a liberdade, entre o que somos e o que queremos ser, entre a dificuldade de afirmação diante das situações e a crença de que podemos ser outro. Isso nos remete às relações de corporeidade, individualidade, socialidade e espacialidade. Quando estamos no Quilombo dos Alpes, sentimos que esse cotidiano é permeado dessas relações, garantindo sua existência e permanência na Terra.

3. Corporeidade e paisagem: a construção de uma cartografia

As ações metodológicas utilizadas ao longo do processo de cartografia e autorrepresentação visaram compreender uma análise espacial do Quilombo dos Alpes, possibilitando a interpretação de sua paisagem. A interpretação remete à compreensão de uma cosmologia da Terra associada à identificação de marcas territoriais, verificando como diferentes saberes e práticas colaboram para a

configuração do espaço. A cosmologia refere-se aos princípios que situam percepções e ações dos quilombolas em conexão com os saberes sagrados. O sagrado é identificado por diferentes códigos e símbolos no quilombo, os quais são projetados pelos moradores e podem ser identificados na constituição da paisagem, compreendendo as configurações materiais e as conotações simbólicas atribuídas ao espaço. A cosmologia presente possibilitou o percurso de compreensão do território quilombola enquanto conhecimento e comunicação, tornando possível o consenso acerca do sentido do mundo vivido.

As paisagens tornam-se passíveis de serem reconhecidas, pois se legitimam pelo reconhecimento de um ou vários sentidos ligados às práticas sociais do quilombo. A percepção das expressões subjetivas (atributos, valores, atitudes) da paisagem remete a um conjunto de intencionalidades, de práticas constituídas e situadas em um contexto espacial em um processo muito imbricado com o contexto social e histórico e, acima de tudo, político da sociedade brasileira – sobretudo, porque as lutas de reconhecimento territorial nos levam às matrizes formadoras de nossa sociedade: negritude e quilombismo. Quilombo é a expressão da liberdade! No Brasil temos o movimento denominado de *quilombismo*, proposto por Abdias do Nascimento, principalmente na década de 1980, como legado de uma mobilização política da população afrodescendente nas Américas e com base na sua própria experiência histórica e cultural.

Ao perceber que várias marcas constituídas na paisagem apresentam características híbridas desse processo de reconhecimento, de apreensão simbólica, compreende-se que suas variantes vão delineando identidades. Para nós, a identidade que estamos retratando é a de um coletivo construído a partir dos sentidos de uma comunidade afro-brasileira dentro de um centro urbano cuja consciência perpassa pelo sentimento de criação, de resistência, de doação e coesão territorial.

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

Captada por entrevistas, a expressão subjetiva é mais uma indicação da importante relação entre corpo e paisagem. O “subjetivo/invisível” não é o oposto ao que é material, mas é, além disso, uma forma de compreendê-lo como um saber acerca de uma determinada coisa. Os objetos e a linguagem, de maneira geral, são os níveis intermediários entre o espectador e o invisível. O subjetivo – invisível – estaria projetado no que é visível, representado no próprio interior desse por categorias específicas dos objetos, como os sistemas naturais, as diversidades culturais e sociais, assim como tudo aquilo que surge numa relação de significados. Para Dardel (2011):

Sua ‘objetividade’ se estabelece em sua subjetividade, que não é pura fantasia. Que a denominemos sonho ou devoção, um elemento impulsiona a realidade concreta do ambiente para além dele mesmo, para além do real, e, então, o saber o resigna sem culpa a um *não saber*, a um mistério. A realidade geográfica exige uma adesão total do sujeito, através de sua vida afetiva, de seu corpo, de seus hábitos, que ele chega a esquecê-los, como pode esquecer sua própria vida orgânica. Ela está, contudo, oculta e pronta a se revelar. (DARDEL, 2011, p. 34)

São esses sentidos ocultos presentes nos valores dessa cosmologia da Terra e do sagrado que se revelam nas vivências do e no Quilombo dos Alpes. E é a partir da relação dialética entre sujeito-objeto dada entre pesquisadores e quilombolas que se compõe um olhar *nosso* retroalimentado no trabalho coletivo, proporcionando compreensões e ferramentas preciosas para a grafia e representação da paisagem.

4. Memória e palavra: cartografia do pertencimento

As primeiras experiências do grupo no Quilombo dos Alpes foram para mapear as trilhas e os percursos no território, retomando o sagrado – da ancestralidade à atualidade¹. A

1 - Este trabalho foi realizado primeiramente com a participação da turma da disciplina de Organização e Gestão Territorial 2013/2. Essa experiência e construção estão disponíveis em

<https://www.youtube.com/watch?v=10i01B4pA2o>.

comunidade tinha como demanda um mapa que mostrava as trilhas, pois elas tinham sido inventariadas e representadas por eles ao caminharem pelo espaço. As trilhas foram atualizadas e narradas pelos quilombolas e representam trajetos realizados cotidianamente desde a chegada de Dona Edwirges e seus descendentes. Visto que o *ser quilombola* supera as fronteiras políticas, suas trilhas também cruzam a delimitação, evocando sua história desde a matriarca fundadora do quilombo. Conforme relato de Dona Edwirges:

Plantei laranjeira, plantei bergamota, depois que tava tudo grande foi que eles vieram, corrê com cerca nova agora aqui... Ah, viero corrê a cerca, me botaro prá cá... Aí eu disse prá eles que eu tinha quase cem anos... Fecharam eles mesmos, fizeram a cerca e deixaram o arroio do lado de dentro prá mim. Os outros arroios eles tiraram tudo. É. Pro vê quantos anos eu moro aqui. Quantos anos já marquei aí? (PMPA, Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho. Relato obtido em 20/01/1993).

Os relatos de Dona Edwirges reúnem em sua oralidade toda a ancestralidade do espaço em que vivem os quilombolas. Esse pertencimento está presente na memória de seus descendentes, que evocam a palavra para dar continuidade as suas tradições. Fanon (2008) conta que diversos grupos culturais da África se reúnem para “parlamentar” como forma de resolver problemas, ou seja, buscar pela palavra o entendimento e a negociação de tensões. Essa prática é muito associada ao que se conhece academicamente por “oralidade”. Foi pela palavra, juntamente com nossos interlocutores e com a comunidade que o mapa passou a ser narrado.

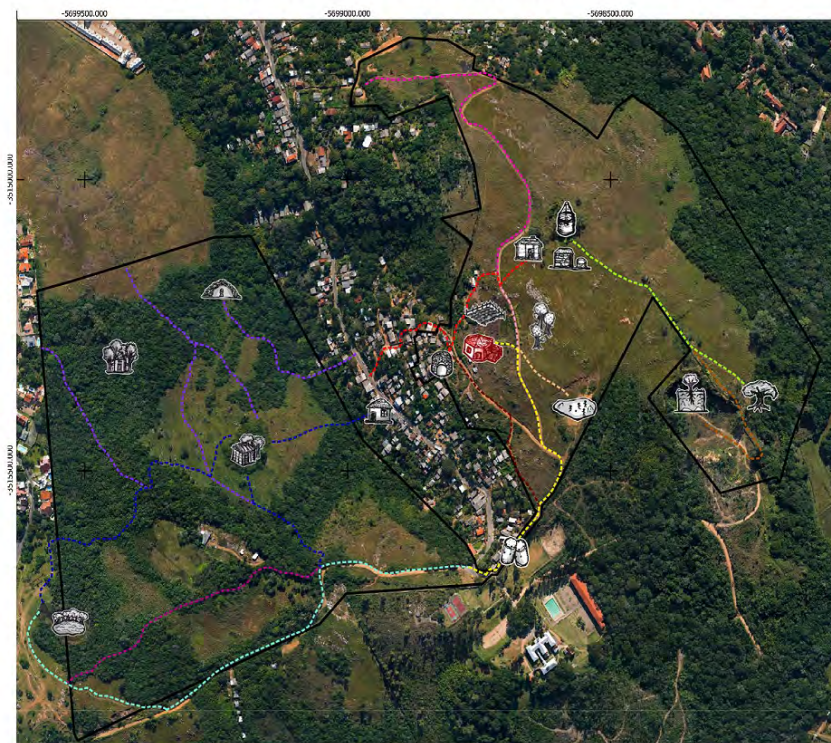
A palavra representa, no mapa narrado, a marca! Caminhando com a Janja pelo seu lugar e ouvindo suas memórias representamos no mapa seus marcadores territoriais, que por sua vez são a grafia dos percursos cotidianos da comunidade. Os marcadores, não necessariamente materiais, são marcas espaciais e asseguradas pela identidade. Os usos das trilhas vão desde os mais corriqueiros, como ir ao campo de futebol ou à associação de moradores, até os estritamente religiosos, como entregar oferendas aos Orixás, por exemplo, as ofertas a Xangô são entregues na Pedreira.

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobal

As trilhas estão gravadas no espaço e no conhecimento dos membros da comunidade quilombola, que as corporificam circulando em seu território. Sendo assim, estas trilhas e percursos configuram-se como patrimônio cultural e histórico imaterial da comunidade quilombola dos Alpes. A Figura 4 apresenta o mapeamento realizado:

Figura 4: Pelas trilhas do Quilombo dos Alpes: percursos, memórias e identidades.

PELAS TRILHAS DO QUILOMBO DOS ALPES: PERCURSOS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES



TRILHAS E PERCURSOS

□ Limite territorial do Quilombo

Percurso da Religiosidade

- A Trilha da Casa dos Pretos Velhos
- B Trilha da Figueira
- C Trilha da Lagoa
- D Trilha da Pedreira

Percurso da ancestralidade e memória

- E Trilha das Ervas
- F Trilha do Capão da Vó
- G Trilha do Mato
- H Trilhas do Matinho do Tio Wilson
- I Trilhas do Capão da Vela

Percurso da oralidade e ludicidade

Percurso da musicalidade, circularidade, corporeidade e cooperativismo

- J Trilha da Associação
- K Trilha da Horta e Pomar
- L Trilha do Campinho

Projeção/DATUM: UTM-22S/WGS-84

Fonte: INCRA/2015

Elaboração: Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente - NEGA/UFRGS

0 100 200 300 400 m

Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

Os marcadores, como a primeira e a última casa de Dona Edwirges e a trilha do Capão da Vó, mostram a trajetória que a matriarca do quilombo fez ao chegar ao Morro dos Alpes no início do século XX, quando “aquilo tudo era só mato”. Outros caminhos, como a pedreira e o campinho, são locais preferidos para as brincadeiras das várias gerações de crianças quilombolas ao longo de mais de um século. Essa múltipla temporalidade é uma característica muito presente nos marcadores territoriais do quilombo. A seguir descrevemos os marcadores e os percursos que compõem a legenda do mapa:

Figura 5: Legenda do mapa *Pelas trilhas do Quilombo dos Alpes: percursos, memórias e identidades*.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Doba

Legenda:

1. *Sede da Associação*: o octógono Djanira é a sede da Associação Quilombola Dona Edwirges (Vó), e sua construção marca a luta pelo autorreconhecimento. É um espaço comunitário que agrega os moradores e visitantes onde são realizados os rituais, as reuniões, as festividades e as atividades culturais.

2. *Poço*: construído por D. Edwirges para abastecer a família durante o tempo que morava na primeira casa.

3. *Pedreira*: pedreira inativa que várias gerações de quilombolas utilizam para lazer. Possui grande significado religioso, visto que é nesse local que são entregues as oferendas para os Orixás.

4. *Casa de Pedra e Poço*: ruínas de uma casa de pedra que foi habitada por um médico e seu filho. Com a chegada deles, D. Edwirges mudou-se para outro lugar do morro. A Vó plantou sizal e babosa para uso medicinal.

5. *Primeira casa de Dona Edwirges*: local onde a matriarca do quilombo construiu a sua primeira morada, uma pequena casa feita de vassoura no topo do morro, no início do século XX.

6. *Última casa de Dona Edwirges*: local onde a matriarca passou seus últimos anos de vida morando junto com sua filha Jane e netos.

7. *Matinho do Tio Vilson*: tio Vilson, filho da D. Edwirges e chamado por ela de *Meio-quilo*, vivia no mato, numa casa feita de vassoura, barro e taquara. Plantou diversos tipos de ervas e árvores, como café, taquara e arnica.

8. *Pomar*: local de árvores frutíferas nativas. Antigo espaço de plantio de amendoim, batata-doce, abóbora.

9. *Caverna da Tia Jaci*: tia Jaci era irmã de D. Edwirges. Construiu sua moradia dentro do barranco que passou a ser chamado de Caverna. Localizada junto ao Capão do Vela. Tia Jaci era uma negra que vivia como índia no meio do mato e cultivava frutos e ervas.

10. *Casa dos Pretos Velhos*: lugar de culto aos Orixás e aos

Caboclos. A gruta dos Pretos Velhos foi construída sobre uma grande rocha próxima ao núcleo familiar da maior parte dos moradores da comunidade quilombola.

11. *Campinho*: espaço utilizado para atividades de lazer e brincadeiras.

12. *Figueira*: ponto de visitação e lazer para várias gerações de vários lugares do bairro. Era muito comum ocorrerem piqueniques neste local, que também é de culto de vários tipos de obrigações religiosas.

13. *Terreiro Centro Africano do Reino de Oxum*: é a principal casa de religião da comunidade. Regida pelo Babalorixá Pai Milton de Oxum, cultua a nação Jejé com Ijexá, conhecida por operar com o cruzamento entre duas nações, e caracterizando-se por ser um batuque de Linha Cruzada.

14. *Capão do Vela*: companheiro da tia Jaci, vivia numa casa no capão. Sobrevivia das frutas do mato, pescava, trabalhava com carroça.

15. *Laguinho*: chamada de Baliza, é um ponto de lazer utilizado pela comunidade quilombola. Local cultuado e, ao seu redor, matas, pedras e águas para as obrigações religiosas doces.

16. *Horta*: local de plantio de ervas medicinais e aromáticas para uso na culinária e nas festas religiosas.

5. Percursos e trilhas

Os percursos que identificam as trilhas são baseados na trajetória de vida dos moradores do Quilombo dos Alpes ao longo dos séculos XX e XXI. Representam os valores afro-civilizatórios da geografia histórica do nosso país. Estão situados no mapa os marcadores sagrados que foram relacionados às orientações educativas do projeto *A cor da Cultura*, de Azoilda da Trindade.

Percurso da religiosidade: o percurso da religiosidade engloba as trilhas da pedreira, figueira, laguinho, casa dos pretos

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

velhos e o terreiro Centro Africano do Reino de Oxum. Esses caminhos fazem parte dos lugares sagrados para a comunidade e é onde são homenageadas as entidades Xangô, Xapanã, Oxum e os Pretos Velhos (Figura 6).

Figura 6: Casa dos Pretos Velhos.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

Percurso da ancestralidade e memória: encontramos nesse percurso o início da história do Quilombo dos Alpes. É onde está a primeira morada de D. Edwirges, também chamada de Capão da Vó (Figura 7). A trilha das ervas remete aos saberes e fazeres religiosos, medicinais e culinários transmitidos de geração para geração.

Figura 7: Vista parcial do Quilombo dos Alpes. Ao fundo, observamos o Capão da Vó.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2013

Percurso da oralidade e ludicidade: estas trilhas (Capão do Vela, Matinho do Tio Vilson e Trilha do Mato) (Figura 8) estão associadas aos saberes e fazeres compartilhados e transmitidos oralmente que envolvem os conhecimentos acerca das ervas e da lida com a natureza. O lúdico também está associado aos caminhos dos jogos e às brincadeiras das crianças do quilombo nestas trilhas.

Figura 8: Capões no Quilombo dos Alpes.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2014

Percurso da musicalidade, circularidade, corporeidade e cooperativismo: este percurso começa na sede da associação, local em que são realizadas diversas atividades artísticas, religiosas e culturais. Engloba, também, a trilha da horta e do pomar, criadas e mantidas pelos quilombolas. A trilha do campinho refere-se ao lugar de jogos e brincadeiras de diferentes gerações. Representa memórias, rodas de conversa e festividades, o corpo individual/coletivo, construído em cooperação e seus ritmos. A Figura 9 expressa um desses momentos de atividades culturais.

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobał

Figura 9: Atividades culturais presentes na Associação do Quilombo dos Alpes.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2014

Dentro do grupo de trabalho, foi possível identificar nos marcadores e percursos correlações com os valores afro-civilizatórios propostos no caderno *A Cor da Cultura*, de Azoilda Trindade. Esse entrelaçamento deu ao mapa uma orientação para a educação antirracista, como proposto nas Leis 10.639/03 e 11.645/08, as quais constituem a obrigatoriedade da temática da história e da cultura afro-brasileira e indígena na educação.

A metodologia usada na elaboração do mapa foi a da pesquisa participante, estratégia da pesquisa social que mantém uma ampla relação entre os pesquisadores e as pessoas que se encontram na situação investigada. O grupo realizou diversos trabalhos de campo na comunidade a fim de encontrar marcadores territoriais, presentes na fala dos moradores do quilombo, que ligam o território à sua condição simbólica. Essas ações, juntamente com o estudo de documentos guardados pela Associação Quilombo dos Alpes Dona Edwirges, serviram como base para o trabalho de destacar esses marcadores, que foram selecionados pela própria comunidade por possuírem uma profunda significância histórica e de resistência. Depois de sistematizadas as informações e descrições obtidas pela

pesquisa e selecionados os marcadores e trilhas que seriam apresentados no mapa em reunião com os quilombolas, o grupo utilizou um *software* de SIG (Sistema de Informações Geográficas) para criar um banco de dados com as informações e imagens de satélite do território. O programa escolhido foi o Quantum GIS, por ser um *software* livre, por ser de fácil uso e por possuir suporte para diversas funções de geoprocessamento diferentes. A localização dos marcadores territoriais e das trilhas foi sobreposta a uma imagem de satélite do *Google* com o território do quilombo já demarcado pelo INCRA/RS (2015) e com as ilustrações feitas pelo grupo, para melhor caracterizar cada marca.

Os quilombolas desenvolvem formas de ocupação diferenciada ao valorizarem em suas práticas os ensinamentos oriundos do conhecimento e pertencimento à natureza, os quais são transmitidos de geração para geração e representam uma forma de resistência ao sistema político e econômico que banaliza os lugares e os sujeitos. As estruturas sociais pelas quais estão amparadas comunidades como a do Quilombo dos Alpes fazem parte de um sistema de organização opressivo e paralisante, reflexo de uma violenta desigualdade econômica oriunda de um passado e de um presente de exploração da mão de obra dos sujeitos às margens do sistema de produção colonialista, baseado em pilares como o consumismo e a obsolescência programada.

Uma comunidade que tem como cultura valorizar e preservar o passado, lutando no presente para melhorar o futuro, a partir do autorreconhecimento e da autorrepresentação, expressa uma ameaça ao conservador sistema de manutenção do pobre e do negro às margens do fazer político, bem como representa uma esperança a todos os povos e comunidades quilombolas.

Dentro da perspectiva do mapeamento participativo, destacamos mais uma vez o protagonismo das mulheres quilombolas neste processo. As mulheres estão concomitantemente nos espaços de decisão, na manutenção da comunidade, à frente das conquistas históricas em seu território, mas ainda assim não estão isentas das violências dirigidas às mulheres dentro do contexto social

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Doba

predominantemente machista e patriarcal em que vivemos. Desta forma, ao cartografarem seu território e se autorrepresentarem, vemos surgir um duplo tensionamento nos limites de compatibilidade impostos.

6. Por que paisagem, corpo e memória

A paisagem para nós, como todos falam, no olhar imobiliário, é muito rica. Aqui, o espaço é muito cobiçado, e pra nós, nossa maior riqueza é esses verdes, os capão, isso é nosso. Para nós é uma riqueza que não tem valor, em dinheiro, é em memória, é em convívio. Sinceramente, se concretasse tudo aqui, tirasse os capões... a gente ia procurar outro matto pra morar. Gostamos de estar juntos, meus manos não iam se adaptar. Quando a gente foi viajar e conhecer outras comunidades, tem algumas que até me senti em casa. No meio do matto, no meio do morro, no meio das pedras. Bem idêntica. E aqui a gente toma todo um cuidado, além de ter áreas pico de morro e áreas de preservação que não pode mexer. A gente mesmo preserva e não queremos que mexam.

• • •

Depois que a gente se autorreconheceu, a gente conseguiu resgatar isso, saber da onde ela (a Vó) tinha vindo, de repente até veio de outro lugar, mas quando veio pra cá, veio desse lugar, Charqueadas. Charqueadas, foi um lugar onde os negros viviam, como se diz: um centro de concentração ali, né. Aonde se concentravam todos pra depois serem distribuídos para outras regiões, né. E com reconhecimento da gente em se autorreconhecer como quilombola, isso pra nós foi muito bom. Foi saber de onde ela veio. Quando ela chegou cá, né, ela chegou aqui no século XIX, XX. Quando ela chegou aqui nos Alpes não tinha morador, não tinha nada, só matto e campo. Se instalou lá perto da sede, a primeira estadia da sede ali, fez o caminho, com filhos, ela mesma fez o quarto dela. E depois mais adiante vai chegando mais moradores, aqui mesmo vai sair a rua, aqui era só uma trilha, a gente via só carroça, só cavalo. Pessoa descia a pé, só lá embaixo, na faixa, na rua da Oscar Pereira era onde passava o bonde. Tinha as trilhas do bonde, a vó falava muito. E então a chegada dela cá, desbravou, foi a primeira, ela mesmo sempre fala da chegada dela. E tem outros relatos, também, de outros moradores antigos, que faleceram, que deixaram os relatos deles lá, contando que quando chegaram cá, a Vó já tava aqui: “só morava uma velhinha”. E aqui sobreviveu, resistiu, existiu na área aqui por 117 anos. Foi falecer só de velhice mesmo.



E para as pessoas que tão olhando, que olhem com carinho, que é uma coisa bem pura, verdadeira. As coisas que estão aí, que é dito pela Vó mesmo, que a gente vai olhar são coisas bem pura quando eu digo isso, é sem malícia, sem maldade, e acho que é isso que identifica a nós, a família aqui e alguns dos parentes que têm consciência assim. É esse jeito de ser, a gente é bem simples, bem humilde. Com todo o trabalho e sofrimento que já passamos. Mas a gente não deixa de ser essas pessoas que somos. Até tentamos, mas não conseguimos. As vezes, a Karina e a minha filha aqui a Daiane dizem, “mãe, tem que mudar, a gente vai ter que mudar”, mas não adianta, a gente não consegue. Então acho que é isso também que identifica nós, é o que a Vó deixou pra nós, deixou pra mãe, a mãe passou pra nós, nós passamos para os nossos filhos e nossos filhos para os nossos netos. Por mais que as perdas que tivemos fossem bem duras por conta do reconhecimento, a gente achou que ia se endurecer, se fechar. Inclusive até nos fechamos, mas não adiantou, tivemos que voltar ao normal de novo. Se a gente tem, a gente divide. Eu acho que é isso que faz, que torna não só a nossa comunidade aqui mas também as outras comunidades. Então a gente está aí, botando na cabeça deles, ensinando os nossos costumes, tentando passar pra eles, “não, isso é coisa das antigas”. Então é isso e a mensagem é essa para deixar para o pessoal! (Janja, filha de Dona Jane, neta de D. Edwirges, quilombola).

Representar é pertencimento. Pertencimento é uso e ocupação, que é espaço. É também *território, conflito*, disputa de terra e de fronteiras (domínio). É lugar, onde permanecemos e vivemos com colaboração, solidariedade, trocas e convivência. Saber situar-se, localizar-se é estratégico para viver, para morrer, para se movimentar e também resistir. É corpo. E tudo isso é quilombo, tudo isso é presente e é memória, está registrado no corpo, está grafado no espaço, está marcado na paisagem do Morro dos Alpes. Estas são algumas reflexões a partir desse grupo de trabalho (Figura 10).

Cláudia Pires; Daiane Ellias; Karina da Silva Ellias; Lara Bitencourt; Marília Rathmann; Mateus Viegas; Matheus Penha; Rosângela da Silva Ellias & Winnie Dobal

Figura 10: O grupo de trabalho.



Fonte: Arquivos do NEGA /UFRGS - 2015

Referências

- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). **Portaria n. 173**, de 19 de abril de 2016.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.
- BRASIL. Lei 11.645 de 10 de março de 2008, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena" nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados.
- DARDEL, E. **O Homem e a Terra: A natureza da realidade geográfica.** Tradução Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DOBAL, W. L. M. **Narrativas espaciais do Quilombo dos Alpes/Porto Alegre/RS: Instrumento de encrespamento do ensino de Geografia, na busca de uma educação territorial antirracista.** (Monografia) UFRGS, Porto Alegre, 2015.

- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GEHLEN, I. (Coord.). **Relatório Sócio, Histórico e Antropológico da Comunidade Quilombola dos Alpes - Porto Alegre/RS**. Porto Alegre: UFRGS/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ Laboratório de Observação Social, 2007.
- PIRES, C. et al. A relação entre pesquisa, ensino e "extensão": possibilidades que se articulam com o espaço e a multidimensionalidade do que é fazer pedagógico na Geografia. In: SUERTEGARAY, D. M. A.; PIRES, C. L. Z.; OLIVEIRA, M. G. (Org.). **Geografia e Ambiente**. Porto Alegre: Imprensa Livre e Compasso Lugar - Cultura, 2015, v. 1, p. 118-138.
- SANTOS, M. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, n. 21, agosto de 1996.
- SILVA, A. C. **Imaginários urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.